

TRÊS OBRAS LITERÁRIAS CATALÃS NO CONTEXTO DA *QUERELLE DES FEMMES*

Cláudia Costa BROCHADO¹

RESUMO: No século XIII os espaços de presença feminina no Ocidente europeu sofrem um recuo e uma das evidências desse processo é a chamada “querela das mulheres”, que revela uma pressão na relação entre homens e mulheres. Ao ser transferida ao campo literário transforma-se em um debate em consequência da dialética entre os textos contra e a favor das mulheres. Neste artigo trabalhamos com três obras catalãs dos séculos XIV e XV que têm as mulheres como tema central e que se inscrevem na chamada *querelle des femmes*.

Palavras chave: literatura medieval - *querelle des femmes* - Jaume Roig - Bernat Metge - Francesc Eiximenis

RESUMEN: En el siglo XIII los espacios de presencia femenina en Occidente sufren un retroceso y una de las consecuencias es la llamada “querella de las mujeres”, que evidencia la tensión entre los sexos. Ese movimiento surge como consecuencia de la dialéctica entre los textos a favor y en contra de las mujeres. En ese artículo analizamos tres obras catalanas de los siglos XIV y XV que tienen las mujeres como tema central y que se inscriben en la llamada *querelle des femmes*.

Palabras clave: Literatura medieval – *querelle des femmes* - Jaume Roig - Bernat Metge - Francesc Eiximenis

O movimento denominado *querelle des femmes* relaciona-se a um processo que tem início na baixa Idade Média, mais especificamente em finais do século XIII, e que tem as mulheres como tema central. Ele indica uma maior pressão na relação entre homens e mulheres, um enfrentamento transferido ao campo literário, com a proliferação de obras que criticam aberta e diretamente as mulheres. Refere-se, então, a um debate literário criado como consequência da dialética entre os textos a favor e contra as mulheres surgido, principalmente, após a discussão em torno ao *Roman de la Rose*.²

Essa tendência crítica coincide com o fechamento dos espaços de presença feminina, dificultando o exercício de determinada liberdade, algo que era possível perceber anteriormente. A proeminência de figuras como Hildegarda de Bingen e Leonor de Aquitânia, o movimento das beguinas e a cultura trovadoresca são alguns exemplos.³

¹ Professora do Departamento de História da UnB. Doutora em História Medieval pela Universidade de Barcelona.

² Uma ampla bibliografia sobre o tema oferece: H. ARDEN, *The Roman de la rose: an annotated bibliography*, New York, Garland, 1993.

³ Para a medievalista Maria Milagros Rivera a explicação para esse processo de abertura/fechamento está no entendimento da política sexual predominante no período. Para ela, durante o séc. XII e parte do séc. XIII teria predominado aquilo que chama de “teoria da complementaridade entre os sexos” (Prudence Allen). Segundo esta noção, homens e mulheres seriam diferentes em essência, mas de igual valor. Esta teoria teria sido

A ênfase na noção de superioridade masculina, que passa a ser predominante a partir do século XIII, teria sido legitimada pelas universidades, principalmente pela Universidade de Paris, posteriormente copiada pelas demais, com a leitura sistemática dos textos de Aristóteles, principalmente os escritos relacionados à sua teoria sobre as relações entre os sexos que enfatizam a inferioridade da natureza feminina (FERRANT, 1985, p. 101).

Escolhemos para essa análise obras de autores catalães dos séculos XIII e XIV que têm a mulher como tema central da narrativa e que estão inseridos direta ou indiretamente no debate, Jaume Roig, Francesc Eiximenis e Bernat Metge. Neste artigo trabalharemos a ideia de estranheza com relação às mulheres que as obras sugerem, quer seja ao falarem da incorporação de novos hábitos, quer seja ao falarem do corpo feminino.

SOBRE OS AUTORES

Francesc Eiximenis⁴ foi um franciscano, doutor em teologia, nascido em Gerona entre 1330 e 1335, que estudou em centros franciscanos da Itália, França e Inglaterra. Escolhemos deste autor a obra *Lo Libre de les Donas*. Eiximenis teria escrito o livro para Sança Ximenis d'Arenós, recém-casada com o conde Juan, filho do infante Pedro de Aragão; recomendando-o, entretanto, a todas as mulheres que "querem conhecer sua natural condição" (EIXIMENIS, 1981, p. 11).

Bernat Metge,⁵ que viveu entre 1340-44 e 1413, era conselheiro real da corte de Juan I e, juntamente com outros conselheiros, foi acusado de delitos políticos e malversações. Além disso, teriam sido acusados de utilizar da imunidade que gozavam para cometer crimes contra a moral pública, dentre eles, violação de crianças, assassinato de esposas, corrupção de freiras. O livro *Lo Somni* (METGE, 1980) fonte aqui usada, foi escrita no contexto deste processo e teria sido uma forma encontrada por Metge para expiar sua culpa e obter o perdão do novo monarca.

Jaume Roig⁶ é o que tece críticas mais severas às mulheres com seu *Llibre de les Dones, o Spill*⁷ (ROIG, 1980), sendo aquele que se inscreve mais diretamente no debate. Foi um médico de família nobre que estudou em Paris e viveu em Valência no século XV. Mantinha também uma relação próxima com a rainha Maria de Castela, de quem fora médico particular. Escreve sua obra quando já viúvo de Ursula Mercader, esclarecendo que seu objetivo é "doutrinar, dar exemplo e bom conselho" (ROIG, 1980, p. 23).

substituída pela da "polaridade entre os sexos", ou seja, homens e mulheres seriam diferentes em essência e em valor, sendo os homens superiores às mulheres. (Rivera Garetas, 2006: 153-57).

⁴- Uma ampla bibliografia sobre este autor oferece: D. VIERA, *Bibliografia anotada de la vida i obra de Francesc Eiximenis (1340?-1409?)*, "Publicacions de la Fundació Salvador Vives i Casajuana", LXI, Barcelona, 1980.

⁵- Sobre este autor v.: P. SANTONJA, *L'Humanisme a la corona d'Arag : una lectura del primer llibre de "Lo Somni" de Bernat Metge*, Xativa, Ajuntament, 1986; J. M. MORRERES BOIX, *Caballeros y renacentistas. La aventura ultramundana de Ramon de Perellos y el sueño humanista de Bernat Metge*, in *Historia* 16, 6 (1988), p. 175-88.

⁶- Sobre este autor v.: V. AGÜERA, *Un pícaro catalán del siglo XV: el Spill de Jaume Roig y la tradición picaresca*, Barcelona, Ed. Hispam, 1975; R. CANTAVELLA, *Els cards i el lliur: una lectura de l'Espill de Jaume Roig*, Barcelona, Quaderns Crema, 1992; ib., *Los verbos incoativos en "L'Espill"*, de Jaume Roig, in *Cuadernos de Filología de la Universidad de Valencia*, 1 (1984), p. 59-63.

⁷- Livro das Mulheres, ou Espelho

O ESTRANHAMENTO

"O dones!, attenets aquí que faent aytals coses vos gitats a tot desastre. Ne.y cal duptar que aquest és lo camí tot mal." (EIXIMENIS, 1981, p. 89).

A desconfiança com o novo, principalmente em matéria de costumes, é questão presente em qualquer cultura ou contexto histórico, no entanto, nos três textos analisados essa preocupação refere-se eminentemente às mudanças do comportamento feminino. Os três autores acusam a entrada de interferências externas e as criticam de forma veemente. Para eles tal fenômeno representa um perigo e as mulheres seriam as mais vulneráveis aos chamados "estrangeirismos" que modificavam seus hábitos, convertendo-as em seres ainda mais alheios a sua compreensão.

Bernat Metge fará referência primeiramente aos novos hábitos femininos com relação à estética. Falará de produtos de origem desconhecida utilizados para esconder imperfeições físicas. Na voz de seu personagem Tirésias, deixa clara a relação que quer estabelecer entre os materiais usados na confecção de remédios e cosméticos e os feitiços femininos. Ele alerta para o perigo de permitir que as mulheres fizessem uso dessa forma de saber já que, segundo ele, poderiam utilizá-lo contra os homens e, principalmente, contra os maridos. Seus medos dirigem-se a duas principais possibilidades de enganos: por um lado acredita que poderiam esconder com os cosméticos e outros recursos suas verdadeiras feições, enganando assim aos homens que delas se aproximassem com algum interesse de conquista, por outro, que poderiam utilizar seus conhecimentos científicos secretos visando concretizar algum mal específico.

Com a descrição que ele faz dos elementos manipulados para a confecção de tais produtos - ervas, sangue e óleo de animais etc. - não é difícil fazer uma relação entre esse tipo de alerta e a caça às bruxas que dava seus primeiros sinais nesse período. Sobre os cosméticos femininos Metge assim dirá: "Llurs cambres e altres llocs secrets trobarás plens de fornells, d'alambrics, d'ampolles, de capsas e d'altres vaixells peregrins, plens de les confeccions que ab gran estudi hauran aparellades a llur pintar" (METGE, 1980, p. 96).

Fala também dos truques que as mulheres usavam para levantar ou aumentar os seios, buscando, assim, parecerem mais jovens, dos "enchimentos" para aumentar as ancas e de produtos para deixar a pele mais branca: "Has-la vista moltes vagades blanca e llisa? Sàpies que ella és negra e tan aspra que un llaurador hauria prou fet tot l'any que li preservàs lo camp de romagueres e de canyota".(METGE, 1980, p. 110).

Eiximenis também demonstra preocupação com a entrada de hábitos estrangeiros na sociedade catalã do século XIV. Critica a vaidade feminina com a pintura de olhos e cabelos, os penteados em vários planos, as joias, decotes, unhas etc.; e aponta a finalidade de tais ornamentos: "...sabem que lur ornar lo diable ne fa laç a pendre les ànimes dels hòmens". (EIXIMENIS, 1981, p. 49).

Jaume Roig faz acusações muito mais severas no que diz respeito às relações femininas com os feitiços e bruxarias e o que nos chama mais atenção em seu discurso é o fato da mulher feiticeira ser, em muitos casos, uma mulher de ofícios. As mulheres que Roig apresenta cometendo atrocidades contra homens são, por exemplo, "forneiras" e "taverneiras" que com requintes de crueldade usam o trabalho para cometer delitos, como uma padeira que, auxiliada por suas filhas, matava os clientes para usar a carne na preparação dos produtos (ROIG, 1980, 45).

Outra clara evidência nos relatos de Roig é sua preocupação com uma suposta cumplicidade entre as mulheres na realização dos delitos, o que deveria levar os homens a temê-

las. Quanto à suposta introdução de hábitos novos na sociedade catalã dos últimos séculos medievais, chama a atenção o fato dos autores perceberem essas mudanças como um fenômeno novo que afetava principalmente as mulheres.

Francesc Eiximenis e Bernat Metge falam das alterações que observam nas mulheres e mostram sua perplexidade diante delas. Além de denunciarem mudanças no vestiário e na estética em geral, indicarão transformações nos gestos, nas expressões faciais e corporais femininas e, o que é mais curioso, na utilização de uma linguagem própria. Para esses autores, as mulheres estariam fazendo uso entre elas de uma suposta linguagem especial que os homens não entendiam. Eiximenis assim descreve:

"Mas què direm de les dones presens qui.s fan dir dones del temps, dones de la guisa, e dones de la verdura, e dones de la cort; qui van ab noveylls taylls de vestidures, ab gets enamorats; qui gíran los uylls a ça e lla, e van juntes braç per braç, ...que fan los marits bèsties, ...e parlen un lenguatge que hom no les entén". (EIXIMENIS, 1981, p. 88).

Metge fala também da utilização de "diversas linguagens" e de uma tendência aos refinamentos observados no cultivo de músicas, poemas trovadorescos e histórias clássicas (METGE, 1980, p. 107).

Os autores criticam outras mudanças como o novo hábito dos jovens de beijarem-se em público, que é visto, por Eiximenis como um modismo a ser rechaçado (EIXIMENIS, 1981, vol. I, p. 53). Ele critica duramente as "maneiras" estrangeiras, principalmente as francesas, como a prática de bailar, de falar de amor, de beber pelas ruas ou de cavalgar como homens (EIXIMENIS, 1981, vol. I, p. 90).

O texto mostra a difusão nesse período do hábito feminino de montar a cavalo e Eiximenis critica o fato das "mulheres de bem" possuírem cavalos, chamando de "camponesas" as que adquirem roupas de montaria. O autor ao ver a montaria como algo impróprio para as mulheres, predica contra o novo hábito: "E con no avets pietat de les vostres ànimes, e de vostres infants e parents, e de vostres cases?" (EIXIMENIS, 1981, vol. I, p. 88).

Ao abordar o tema Bernat Metge utiliza como recurso o debate entre dois de seus personagens que expressam opiniões opostas. Essa é uma prática recorrente na obra de Metge e nesse caso, enquanto por um lado o vemos através de seu personagem Tirésias ironizar os novos hábitos femininos, por outro o vemos defendê-los através de si mesmo como personagem. Constatamos ainda no discurso do personagem Tirésias que as mudanças que ele acusa estarem operando entre as mulheres indicariam também uma tendência a um maior refinamento no comportamento delas. Ele fala não somente que as mulheres haviam se convertido em bebedoras de vinho, mas que exigiam que o vinho fosse de boa qualidade. Para ele parece estranho que as mulheres pudessem entender de vinho dessa maneira, sabendo, por exemplo, classificar a bebida "como se sempre houvessem feito comércio com o produto" (METGE, 1980, p. 108).

Sente-se incomodado ao perceber que as mulheres pudessem deixar de desempenhar as tarefas femininas: "...meten-se nues al llit entre frescs llençols, e dormen entrò que deuen sopar, si doncs no han anat a mirar juntes o jocs o esposalles o parteres o a deports o a otra cosa semblants" (METGE, 1980, p. 108).

Para Tirésias os maridos seriam meros admiradores e contempladores de tais "fraquezas" nada fazendo para mudar essa situação, sendo eles igualmente fracos (B. METGE, 1980, p. 108).

Fará críticas também à inclinação feminina pela música e pela dança, principalmente se

tais manifestações fossem expressões de amor a elas dirigidas (B. METGE, 1980, p. 108).

O outro personagem dessa obra - que divide o debate com Tirésias e que será o próprio autor - se incumbirá de fazer contraponto às críticas contra o sexo feminino. Com relação à assimilação de novos hábitos por parte das mulheres, Metge valoriza, por exemplo, a maior sensibilidade feminina para com determinadas expressões artísticas. Ao contrário do que pensava seu conselheiro Tirésias essa inclinação feminina era vista pelo autor como benéfica:

"No me'n meravell, car natural cosa és pendre delit en música e especialment que sia mesclada ab retòrica e poesia, que concorren sovent en les danses e cançons dictades per bons trobadors" (METGE, 1980, p. 139).

Para ele dedicar-se à música e à retórica significava fugir da ociosidade e exercitar o intelecto. Metge ao tocar nesse ponto deixa claro que essa sensibilidade vista nas mulheres não podia ser observada em igual proporção nos homens, e lamenta o fato:

"Poc s'adeliten los hòmens en oir semblants coses, les quals deurien saber per fer fugir ociositat e per poder dir bé lo concebiment de llur pensa. Mas deliten-se molt en oir trugadors, escarnidors, ralladors, mals parlars, cridadors, avolotadors, jutjadors e mijancers de bacallaries e de viltats" (METGE, 1980, p. 139).

A análise das obras nos indica ter havido por parte das mulheres uma maior facilidade na assimilação das novas tendências que começavam a florescer nos últimos séculos medievais. Das obras analisadas será justamente a de Metge - de influência mais humanista - que admite esse fato e o valorizará. Em contrapartida, observamos nos outros autores críticas severas aos refinamentos femininos: observações com relação aos excessos de delicadeza - e o fato disso constituir-se em pecado -, críticas à soberba feminina - demonstrada na utilização de diferentes linguagens ou na manifestação de conhecimentos - e a preocupação relativa à assimilação de "modismos" estrangeiros.

A constatação dessa dualidade de opinião referente aos comportamentos e preferências femininas nos leva a estabelecer também uma dualidade entre uma moral cristã que prega a austeridade e demais tendências que incitavam ao desfrute. A moral difundida pela Igreja teve que conviver com comportamentos desviantes que persistiam apesar do endurecimento das punições e da progressiva fiscalização das práticas sociais em finais da Idade Média.

O CORPO FEMININO

Os autores analisados são unânimes ao afirmar que os cuidados femininos com a toalete iriam além do necessário. Alguns deles sugerem que o interesse exagerado nos cuidados com a estética e até mesmo com a higiene seriam sintomas da predisposição feminina ao vício da luxúria, uma vez que o objetivo de tais cuidados seria o de seduzir os homens.

Jaume Roig reclama da quantidade exagerada de banhos que as mulheres costumavam tomar e mostra o caso do marido que decide reclamar dos banhos de sua mulher, que assim lhe responde: "No merexeu semblant tendror ni tal olor vós, en Grosser" (ROIG, p. 58).

Eiximenis afirma que a ornamentação feminina seria obra do diabo para prender as almas masculinas (EIXIMENIS, 1981, vol. I, p. 49). Esse autor parece bastante preocupado em

conter os cuidados femininos com o corpo; ele se dirige às mulheres de todos os grupos sociais para tentar impedir a proliferação de tais pecados:

"Per totes aquestes coses appar quant perill és a la donzella de pintar-se e de affaytar-se massa oradament. E açò qui dit és de les donzelles se pot estendre a les dones. Car los sants qui parlen d'esta mathèria, ço que dien per unes dien per altres. Ne en esta mathèria pot hom axí solament parlar de les donzelles que no y haja a mesclar las maridades, pus que lo peccat s'estén a totes" (EIXIMENIS, 1981, vol. I, p. 49).

Também Metge critica o tempo desperdiçado com esses cuidados (METGE, 1980, p. 99). segundo o autor, os mesmos se destinavam a esconder a verdadeira aparência da mulher que, na maioria das vezes, seria o oposto do que parecia: "Has-la vista moltes vagades blanca e llisa? Sàpies que ella és negra e tan aspra que un llaurador hauria prou fet tot l'any que li preservàs lo camp de romagueres e de canyota" (METGE, 1980, p. 110).

Com relação às mulheres mais velhas encontramos inúmeras referências irônicas ao seu aspecto físico. Pela pouca precisão das idades no período, alguns autores sugerem que seria uma prática constante das mulheres mais velhas desejosas por contrair matrimônio, camuflarem suas idades. Eles alertam os homens para estarem atentos e não serem enganados.

Jaume Roig diz aos homens para não se deixarem levar por um dote maior, casando-se com mulheres mais velhas, pois teriam de conviver com alguém com as seguintes características:

"La vella fembra del temps no's membra; tendrà la pantxa ab plecs com mantxa, ab semblant pell com terçanell o txamellot; parrà bossot buit la mamella; put-li la exella; cap alquenat, front estirat; no tendrà dents; conta lo béns, no los seus anys, dels pus estranya, bollicosos e ociosos; menys vergonyós e pus ronyós pren com la lloba; ab raó troba, per les edats e voluntats tan variades, colps bocinades... Més és muller l'exovar gros que no son cos...Les falses velles d'aquells vilatges certs mals berratges fan hòmens beguen, axí los peguen al viandant" (ROIG, 1980, p. 38-47).

Através das descrições feitas pelos autores citados podemos idealizar o modelo estético feminino que imperava na Catalunha dos últimos séculos medievais: faces cheias e rosadas, seios e ancas fartas e arredondadas, pele branca, cabelos compridos e loiros. E as catalãs, para se aproximarem desse modelo, utilizavam pinturas faciais, produtos para descolorir cabelos e grande variedade de roupas extravagantes.

Com relação à anatomia do corpo humano sabemos que, no período que tratamos, demonstrava ser bastante desconhecida e que o saber, nesse âmbito, baseava-se fundamentalmente nos textos árabes e nas tentativas de dissecação de cadáveres. O conhecimento existente era também dirigido quase que exclusivamente ao corpo do homem, onde o texto médico permanecia dentro dos limites de um discurso exclusivamente masculino.

O corpo feminino, dessa forma, era observado como consequência do saber que se adquiria do corpo masculino e era também descrito tendo o corpo do homem como referência. Isso ocorria, por exemplo, com relação aos órgãos sexuais que eram observados como uma inversão aos órgãos masculinos (JACQUART -THOMASSET, 1989, p. 25).

Em se tratando dos autores analisados as referências ao órgão reprodutor feminino ou

aos temas a ele relacionados revelam, não apenas, grande desinformação, como também grande menosprezo. Eiximenis, por exemplo, que sugere ser a relação sexual entre o homem e a mulher - com fim de procriação e perpetuação da espécie humana - o único elo entre os dois sexos, não demonstra, todavia, nenhuma admiração pela especificidade materna feminina. Para ele questões como parto, amamentação ou menstruação seriam “castigos” relacionados ao pecado original. Ele diz que os sofrimentos femininos vieram do pecado cometido por Eva, observando ser esta a razão da vida feminina ser mais carregada de sofrimento e de trabalho (EIXIMENIS, *Donas*, 1981, vol. I, p. 16). Entre esses sofrimentos estaria a "carga vergonhosa" de ter "fluxo de sangue" todos os meses (EIXIMENIS, *Donas*, 1981, vol. I, p. 19) - que, em sua opinião, seria uma das razões pelas quais as mulheres seriam obrigadas a usar perfumes - e completa, afirmando que pelo pecado da soberbia feminina de querer estar tão alto, lhe foi imposta a pena de estar mais baixo que os "bestas" (EIXIMENIS, *Donas*, 1981, vol. I, p. 19). Jaume Roig também se refere à menstruação feminina como um aspecto asqueroso de sua fisiologia (ROIG, 1980, p. 147).

Com relação ao parto, Eiximenis coloca a dor dele derivada como outra forma de castigo pelo pecado original. Outro seria ser o fruto da concepção uma menina (EIXIMENIS, 1981, vol. I, p. 21).

Eiximenis adverte às mulheres para amamentarem seus filhos, uma vez ser esta uma obrigação das mesmas, caso contrário, significaria um ato contra a natureza feminina (EIXIMENIS, 1981, vol. I, p. 28). Nos terríveis exemplos de mulheres apresentados por Jaume Roig não poderia faltar o da "má mãe" - aquela que não desempenha devidamente o seu papel como reprodutora. Este autor acusa a falta de cuidado das mães (ROIG, 1980, p. 81) e o fato de não amamentarem seus filhos, preferindo recorrer a amas de leite: "Més per deport e gallardia, per fidalguia, la més part d'elles, per llus mamalles servir gentils...Ses criatures mig avorrides donen a dides, e les mesquines no guarden quines" (ROIG, 1980, p. 139).

E completa: "...mares traidores, dissipadores celerades del-liberades, tant scientment com follament: propis fills manquen, ulls los arranquen" (ROIG, 1980, p. 141).

Tanto Jaume Roig como Bernat Metge falam da utilização por parte das mulheres da maternidade para atingir outros objetivos. Metge fala sobre as viúvas que simulam partos com parteiras conhecidas para usufruírem por mais tempo do dinheiro dos filhos herdeiros (METGE, 1980, p. 104).

Para Roig, simular partos ou falsificar gravidez seriam práticas bastante utilizadas pelas mulheres para fugir de alguma sentença punitiva. Esse autor acusa também as farsas femininas relacionadas à virgindade:

"Per ser prenyades dien traballen sofiren, callen, axí s'escusen...Bé sé n'hi ha de closes nades o no passades, vérgens de dit, no de sperit; vérgens de fet, mas contra dret dites donzelles. Ab cosseguelles o no sé com, mas no sens hom ni sens plaer, fillas saben fer; ab natural o manual cert instrument forçadament se han obrir ans de parir; les més ne moren, com se defloren, les nades closes" (ROIG, 1980, p. 133-4).

E apresenta também o exemplo de uma mulher que já não seria virgem quando foi desposada: "Per bona strena, trobí gran festa, prou deshonesto, no coneguda, mas avenguda. Una esposada ja desflorada ans de casar" (ROIG, 1980, p. 64).

O autor fala dos abortos provocados e posteriormente camuflados como naturais, quando precisam pedir ajuda aos médicos. Por ser também um deles, o discurso de Jaume Roig sobre

esses assuntos adquire muito maior peso. Por essa razão nos assusta ouvi-lo dizer que as supostas dores femininas com o parto não seriam tão fortes como seus gritos sugeririam: "Criden prou crits al parturir. Qui ver vol dir, no's dolent tant com és llur plant e continença. A la naxença, si ja no hi moren, a o e ploren pel peccat d'Eva". (ROIG, 1980, p. 137).

Fontes:

EIXIMENIS, Francesc. *Lo Libre de les Donas*. Barcelona, Curial, 1981.
METGE, Bernat. *Lo Somni*, Giuseppe Tavani, ed., Barcelona, Edicions 62, 1980.
ROIG, Roig. *Llibre de les dones, o spill*. Francesc Almela i Vives (ed.). Barcelona, Barcino, 1980.

Referências

ALLEN, Prudence. *The Concept of Woman. The Aristotelian Revolution (750 BC-Ad 1250)*. Montreal- Londres, Eden Press, 1985.
ARCHER, Robert. *Misoginia y defensa de las mujeres. Antologia de textos medievales*. Col. Feminismos. Madrid, Ed. Catedra, 2001.
BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
BOSH FIOL, Esperanza; FERRER PEREZ, Victoria A.; GILI PLANAS, Margarita. *Historia de la misoginia*. Barcelona, Anthropos Ed., 1999.
CIRLOT, Victoria. *Vida y visions de Hildegard von Bingen*. Madrid, Siruela, 2009.
DINSHAW, Carolyn, WALLACE, David. *The Cambridge Companion to Medieval Women's Writing*. Cambridge, Cambridge University Press, 2009.
DRONKE, Peter. *Women Writers of the Middle Ages. A Critical Study of Texts from Perpetua (m. 203) to Marguerite Porete (m. 1310)*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.
FERRANTE, Joan M. *Woman as Image in Medieval Literature. From the twelfth century to Dante*. Duham, Labyrinth, 1985.
JACQUART, D. THOMASSET, C. *Sexualidad y saber médico en la Edad Media*. Barcelona, Labor, 1989.
JORNET i BENITO, Núria. La relación con los recuerdos: la autoridad y el poder de la memoria. In: *Las relaciones en la Historia de la Europa Medieval*. María-Milagros Rivera Garetas (coord.). Valencia, Tirant lo Blanch, 2006, pp. 17-57
KELLY, Joan. Did women have a Renaissance? In: *Becoming visible: Women in European History*. Renata Bridenthal; Claudia Koonz, (eds.). Boston, Houghton Mifflin Co., 1977, p. 175-201.
MUZZARELLI, Maria Giuseppina. *Un'italiana alla corte de Francia. Christine de Pizan, intellettuale e donna*. Bologna, il Molino, 2007.
RIVERA GARETAS, María-Milagros. *Textos y Espacios de Mujeres . Europa, Siglo IV-XV*. Barcelona, Icaria, 1990.
_____. La política sexual. In: *Las relaciones en la Historia de la Europa Medieval*. María-Milagros Rivera Garetas (coord.). Valencia, Tirant lo Blanch, 2006, pp. 139-204.]

RECEBIDO EM 01-02-2013

APROVADO EM 10-05-2013